

Redacção, Administração, Tipografia
CALÇADA DO COMBO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras.
Não se devolvem os originais.—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS ALVARO COSTA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHADOR
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluído o transporte de correio.
Lisboa, 1.º e 3.º: 500; Provisão, 3.º: 250.
Africa Portuguesa, 3.º: 250; S. Paulo, 3.º: 250.
6 meses 1.200.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VII—N.º 2178

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1926

UMA SERIE DE PREGUNTAS DESCONCERTANTES

Primeiro, um puxão de orelhas à gentinha do "Século"—Depois, perguntamos: Não teria o tesoureiro do Banco de Portugal entregue ao gerente do Angola e Metrópole várias malas contendo maços de 500 escudos? Que foi Mota Gomes, quando se descobriram as notas falsas, fazer a Paris? Teria tido no Quay d'Orsay uma conversa com Alves dos Reis? Ter-lhe-ia telefonado para o hotel Claridge aprazando uma entrevista? Teria ido, depois da entrevista, a Londres conferenciar com a direcção da casa Waterlow?—Mota Gomes é, como o Inocêncio Camacho, uma criatura insuspeita...

Percebe-se, por exemplo,—dizia ontem O Século—porque motivo o órgão da C. G. T. ataca furiosamente o Banco de Portugal. Procede assim porque Amâncio Moreno o ordena. Ele é quem orienta o órgão do operariado revolucionário.

O pasquim da rua Formosa mente conscientemente, mente porque assim lhe convém—para estabelecer a intriga, para apresentar como bojevista terrível o dr. Amâncio de Alpoim perante o capitalismo sectário, para apresentar como traidor aos princípios sindicalistas A Batalha perante o operariado. Impotente para bater-se conosco, frente a frente, numa luta leal, O Século, que finge não nos ler quando o desmascaramos, serve-se da arma vil e repugnante da intriga. É a arma das mulheres fracas e dos pederastas ignóbeis. É a arma própria dum jornal que é orientado pelo Pereira da Rosa, o concubino de Silva Graça.

Cobardemente O Século, no interesse da sua própria pele, tem-se furtado a qualquer discussão conosco. Quando, numa ou outra passagem dos nossos artigos de combate alvejamos esse reduto de imoralidade, que se arvora em paladino da honestidade e defensor da pátria, nunca nos responde, cala-se—porque tem medo de lançar fogo a um rastilho que o fulminará. Aquela gentinha do Século que não nos faça perder a paciência. Nós sabemos de que massa são feitos os cavalheiros que lá pontificam, como orientadores do órgão das forças vivas, que afinal se limita a fazer o jogo desonesto e vergonhoso dum redunimista camarilha de interesses inconfessáveis em detrimento da pequena burguesia, da modesta indústria e do comércio sobre-carregado de impostos, que tola mente julga ter aquele jornal um defensor sincero. Sabemos de que massa eles são feitos. Desde o Trindade Coelho, patriota que traiu a pátria, durante a guerra administrando uma casa alemã em proveito dos alemães, ao Adelino Mendes, espécie de moço de fretes do jornalismo, que mercenariamente redige os incoerentes artigos da campanha de depuração. Sabemos bem de que lama viscosa eles são feitos. E o país também não o ignora!

A moral dos tartufos do órgão da imoralidade

Temos por várias vezes hesitado em mexer na moral daqueles tartufos. Temos hesitado porque para defini-los teríamos de recorrer aos piores adjectivos do dicionário—e nós não queremos ofender o pudor das nossas leitoras. Para traçarmos o perfil moral desses cavalheiros seríamos forçados a descrever com as cores mais vivas as cenas mais degradantes—desde os actos luxuriosos da pederastia ao repugnante espectáculo que nos oferecem as almas imorais, as consciências sem escrúpulos desses «meneurs» de opereta.

A nossa campanha não vai tão longe, a nossa campanha tem de ser limitada pela própria grandeza e repugnância do escândalo. Basta-nos sublinhar as evoluções degradantes da campanha do Século e apontar os elementos suspeitos que ela favorece, para que o público fique fazendo uma ideia suficientemente repugnante da canalha que aparece sob a forma de imprensa desinteressada.

Não há uma frase naquele jornal que não obedeça a um intuito inconfessável. Se alveja Nuno Simões, afeiçoado à Companhia do Amboim, pretende salvaguardar os interesses de Alfredo da Silva, rival da mesma Amboim na questão das oleaginosas, e ps da Casa Burnay que se prepara para lançar mais uma vez as jarras ao pescoço da nação na questão dos Tabacos. Quando flicia a campanha contra o Angola e Metrópole, servindo-se

das acusações mais fantásticas que ele mesmo foi desmentindo depois, uma a uma, na crença de que os leitores não o observam, o Século só tinha um objectivo: salvar o Banco Ultramarino. Por detrás da campanha daquela folha mercenária só há interesses inconfessáveis, interesses mesquinhos, que postos a nu cheiram pior do que a mais reles sentina.

É esse pasquim de lama que se atreve a querer especular com o operariado. É aquela gente desonesta que pretende, para fortalecer a sua campanha ignóbil, tocar no operariado nos seus artigos nauseabundos!

O director é um pulha

Mas engana-se conosco. Nós não temos amigos na finança. O nosso pulso está livre, a nossa consciência desalojada. Os nossos Ulrichs (o do Banco de Portugal e o do Banco Ultramarino) não pesam nas nossas resoluções. Falamos sem papas na língua. Por muito que isso desagrade ao Século continuamos a estragar-lhe o negócio—porque desse estrago algum benefício resultará para o proletariado, vítima das oligarquias financeiras. Descobrimos-lhe o jogo, que vem fazendo a favor do Ultramarino e do Banco de Portugal. Estes que lhe pegam contas da sua pouca habilidade.

Que crédito poderá dar o público a um jornal que, combatendo neste momento como falsários e desonestos Pinto de Lima e Nuno Simões, é dirigido por um homem que não há ainda muito estava reunido na mesma panelinha, ficava orientando o órgão do ex-ministro do Comércio, comia com os seus adversários de hoje à mesma mesa, bebia nas suas ideias o assunto dos seus artigos? Sim, que ideia fará o público do sr. Trindade Coelho, director de O Século, que outro não é o velho amigo de Nuno Simões e Pinto de Lima?

Que é um pulha!

Uma acta preciosa e concludente

Mas não estejamos a desperdiçar o nosso tempo precioso com O Século. Aquela gentinha importa-se menos que ponhamos à mostra as suas misérias pessoais do que ataquemos os seus negócios. É melhor mexermos-lhe na barriga... Voltamos, pois, ao Banco de Portugal, que é hoje a pedra de toque do bom éxito da campanha daquele órgão de desmoralização. Vamos ao Banco de Portugal.

Os leitores têm tomado boa nota dos factos gravíssimos —que vão da viciação da escrita aos desfalques e às falsificações—de que vimos acusando a administração do Banco de Portugal. Os leitores sabem, portanto, que por muito menos estão na cadeia o Alves dos Reis e o José Bandeira. Pois bem; queremos registar mais um facto interessante que dá bem a ideia, a triste ideia, de que lama é feita a consciência dos dirigentes daquele estabelecimento de descrédito que só por ironia se chama—de crédito? Leiam, portanto, esta acta de uma reunião de há dias dos directores do aludido Banco. Tenham paciência:

«Pelas 12 horas, sob a presidência do sr. governador, e com a assistência do vogal do conselho fiscal, sr. Dias Ferreira, reuniram-se os srs. directores.

O sr. governador disse que, em conformidade com o que colectivamente lhe havia sido comunicado por todos os colegas do sr. dr. Lobo de Avila Lima, havia momentos antes, chamado ao seu gabinete este sr. director, a fim de o pôr ao facto dessa co-

municação, que consistia no desejo manifestado por todos os colegas em exercício, do mesmo director, de que ele governador, se entendesse com este senhor a fim de lhe mostrar, pelo melindre das circunstâncias presentes, a conveniência de se ausentar do serviço do Banco, e isto por se saber que ele havia tido relações com algum ou alguns dos indivíduos que se encontravam à frente do Banco Angola e Metrópole, e saberem, eles directores, que um dos indivíduos presos no Porto procurava defender-se com a alegação de que nunca poderia suspeitar da genuinidade das notas de 500\$00, visto que sempre que vinha a Lisboa, encontrava no Banco de Angola e Metrópole o sr. dr. Avila Lima, director do Banco de Portugal, em colóquio com os directores do referido Banco, e que, sendo possível que isto viesse a público, o conhecimento de tais factos criaria uma situação verdadeira de desaire para o Banco e para a direcção, o qual muito maior seria continuando ele em exercício. O sr. governador disse ainda que tudo isto comunicara ao sr. dr. Avila Lima, mas que não lograra convencer s. ex.ª, e tanto que se encontrava presente e sentado na sua habitual cadeira.

O sr. dr. Mota Gomes disse que, nestas circunstâncias, lhe parecia conveniente que se reunissem os nove directores com o sr. governador e o vogal do conselho fiscal presente, numa outra sala, a fim de entre si conferenciar sobre o caso.

O sr. dr. Lobo de Avila Lima pediu a palavra e disse que as arguições que lhe foram feitas eram inteiramente falsas, porquanto a verdade—toda a verdade—é que apenas se avistou duas ou três vezes com José dos Santos Bandeira, que pouco conhecia, e cujos antecedentes de todo ignorava, a pedido do director da Sociedade Industrial Aliança, Sebastião José Marques de Almeida, a fim de que o Banco Angola e Metrópole adquirisse um lote de acções do jornal O Século, na posse daquela sociedade, e também para o efeito da constituição duma grande empresa gráfica. Que mais contacto algum teve com essa gente, e pedia aos seus colegas que reflectissem sobre a resolução que haviam tomado, que, mantendo-se, ele interpretaria como um claro desejo de o inutilizarem, e que então iria para a imprensa, concluindo por dizer que, estando de serviço amanhã, precisava saber a resolução definitiva dos seus colegas.

O sr. vice-governador disse entender que, como já anteriormente alvitara, se deveriam reunir numa outra sala, com o sr. governador e o vogal do conselho fiscal, os nove directores; mas ausentando-se neste momento o sr. dr. Avila Lima, a reunião prosseguiu, sendo resolvido, sem discussão e por unanimidade, que o sr. governador instasse ainda com aquele senhor no mesmo propósito, o que o sr. governador prometeu fazer.

Não havendo outro assunto a tratar terminou esta reunião às doze horas e quarenta e cinco minutos.

(a) Inocêncio Camacho Rodrigues, João da Mota Gomes Júnior, Rui Enes Ulrich, António José Pereira Júnior, Fernando Emídio da Silva, José Caetano da Mata, João Teotónio Pereira Júnior, Manuel do Casal Ribeiro de Carvalho, Ramiro Leão, José de Assis Camacho e Manuel António Dias Ferreira.

Leram? Agora meditem um pouco sobre o caso.

O gesto dos Gatos

Já meditarão? É concludente, sim. Este documento e o retrato moral da direcção do Banco emissor, sobre quem recaem as mais graves acusações.

A-pesar-da panacea do regulamento à lei sobre horário de trabalho em todo o país as transgressões são continuas

Uma das mais velhas aspirações do operariado, aquela que em mais duma década de anos figurou no lábaro das suas reclamações colectivas, foi incontestavelmente a do dia de 8 horas de trabalho. Durante esse longo lapso de tempo, que procede ainda dos primórdios da República, as associações de classe com tal denodo se lançaram na conquista dessa reclamação, com tal afan organizaram a ofensiva contra o patronato que um parlamento, perante a onda que o ameaçava, legislou sobre a jornada de trabalho. E fê-lo, não porque lhe fôsse simpático o desejo do operariado, mas porque algumas classes, nomeadamente as da construção civil, já tinham reivindicado ao patronato o dia de 8 horas. O grande gesto do poder legislativo da República, para aquelas classes que por várias razões não podiam reivindicar o horário de trabalho, pareceu aproveitar muito, e vá de incensar-se os republicanos por virem ao encontro das aspirações do operariado...

Posta em execução a doutrina desse decreto a que deram o n.º 5516, surgiram logo as transgressões ao horário, apenas hipoteticamente punidas por lei. E as classes que pareciam aproveitar do decreto referido foram então as primeiras a gritar contra a burla, as primeiras a insurgir-se contra o pouco respeito à lei. Como tudo na vida tem justificação, por mais inverosímil que seja, disse-se que uma das causas das infrações à lei residiam precisamente na falta da sua regulamentação. Reclama-se o Regulamento à lei e um dia o Parlamento executora-o, o que veio abrir uma clareira de alegria nos cérebros dos que ainda confiavam no respeito pe-

las leis. Só aquelas classes que possuíam uma organização cuidada, só aquelas classes que tinham espírito combativo desprezaram a panacea da lei e do seu regulamento e entregaram-se com entusiasmo à defesa das 8 horas.

Coincidiu com o aparecimento do supremaciano Regulamento a ofensiva que ia vulnerando gravemente essa regalia do operariado. Que verificámos então nós? Simplesmente esta coisa assombrosa: exactamente quando a lei era regulamentada o patronato oferecia maior resistência à sua aplicação, lançando o mais formal desprêzo aos rigores da lei para os contraventores. Entrámos então numa fase muito crítica. A lei era menos respeitada agora do que quando não estava regulamentada! A lei era agora espelhada pelas grandes empresas, pelas empresas que ainda ontem a respeitavam!

E uma das causas particulares dessa transgressão, uma das razões desse atropelo encontram-se na crise de trabalho, conquanto pareça paradoxal a afirmação. Encontramos-nos na crise, porque o patronato em face da situação obriga o desgraçado que lhe vai pedir trabalho à condição dura de estar em actividade 10 e 12 horas para ganhar um salário inferior ao que percebia antes do actual estado de coisas. Como a dificuldade de arranjar nova colocação obriga a tudo, o operário a quem se depara esta situação aceita a para não morrer de fome, concebe-a embora na certeza de que previcaria.

Podíamos apresentar inúmeros casos justificativos do que acima escrevemos. Podíamos provar com factos concludentes quem são todas essas empresas, quem são todos es-

ses contraventores. Não é esse o nosso papel, não é essa a nossa função.

Há, porém, uma empresa que se exceptua, por estar directamente ligada à existência dos jornais. É ela a Companhia de Papel do Prado, a empresa sorvedoura de todas as receitas dos jornais como o nosso, a empresa que tem tirado fartos proveitos e para quem a crise de procura do produto ainda não se fez sentir grandemente.

Pois apesar dessa situação quasi privilegiada, a Companhia de Papel do Prado impõe aos seus operários um horário de 12 horas, ou a rua se não se conformarem!

Se dissessemos ao ministro do Trabalho que aquela empresa e tantas outras não respeitam a lei, se protestássemos daqui contra todos esses atropelos, só receberíamos como resposta uma gélida indiferença, como teórica é a aplicação da lei 5.516.

A nossa única função será a de aconselhar as classes preteridas, vilmente prejudicadas nos seus direitos, a procurarem por um grandioso movimento reivindicar o dia de 8 horas, única forma dessa jornada ser respeitada.

UMA TENTATIVA MALOGRADA

PARIS, 7.—O capitão britânico Gordon Canning, enviado de Abd-el-Krim para negociar a paz com a França, deixou Paris sem conseguir ser recebido pelas autoridades.

O VESUVIO

NAPOLES, 7.—O Vesúvio iniciou um novo período de erupção com fortes explosões, supondo-se não existir perigo de maior

Notas & Comentários O hospital Estefânia é um dos estabelecimentos que umas leves reparações tornarão uma agradável casa de saúde

Vamos prosseguir na digressão pelos hospitais civis; fazendo passar pelo nosso ecran todas as mazelas e virtudes que se nos depararem. Entremos agora no hospital Estefânia, o estabelecimento criado pela mulher de D. Pedro V, a rainha D. Estefânia, e inaugurado em 1877. A nossa visita fez-se ontem, a meio da tarde e prolongou-se até à hora do crepúsculo, quando os raios solares estavam no ocaso. No hospital Estefânia, especialmente destinado à clínica de pediatria, faz-se hoje clinica geral, internam-se hoje crianças e adultos. É um estabelecimento, confessamos-lo com grande satisfação, alegre, onde os rigores da doença são contrabalançados pela higiene das dependências, pelo desvanecedor carinho do seu pessoal, tão afectivo que parece pertencer à família dos internados.

Na visita ao estabelecimento foram os redactores da Batalha acompanhados pelo engenheiro sr. Prazeres, já conhecido dos nossos leitores e por isso com a apresentação já feita, e pela sr.ª D. Maria do Rosário Santos Rêgo, fiscal daquela casa de saúde que para com os nossos representantes foi duma gentileza que muito nos sensibilizou, prestado-se com uma amabilidade cativante a acompanhar-nos na demorada visita. D. Maria do Rosário é um dos mais antigos funcionários hospitalares. 30 anos de serviço cumularam-na de simpatias de todo o pessoal e dos seus superiores. É esta senhora que nos conduziu a enfermaria Santa Estefânia, de que é enfermeira-chefe D. Luísa Ribeiro, onde a petizada em alegre gorgoleio brinca sobre as camas, pelos corredores e pelo terraço.

Esta enfermaria que tem quatro dependências, todas elas destinadas a cirurgia, pertence à Faculdade de Medicina, sendo seu director o dr. Salazar de Sousa. Muito aceio e muita luz. Umas pequenas reparações torná-las-iam boa, mesmo muito boa. Pelas mesas dispersos, brinquedos para as crianças que os despresam por falta de originalidade, que lhes não ligam importância por serem já velhos companheiros...

O cuidado do pessoal, o grande afecto pelas crianças começa aqui a revelar-se, tem aqui quasi que a sua expressão máxima. D. Nadege Silvestre, uma das enfermeiras, acaricia um dos internados como se de um filho se tratasse. O petiz, alegre, expressão viva, olha-a com ternura e parte risonho, alheio ao destino que o aguarda.

Uma visita à sala de operações que não destoa da enfermaria, uma revista à casa de banho e eis que avançamos agora na enfermaria Curry Cabral. Um novo cicerone forma neste momento já a comitiva. É o engenheiro, sr. Prazeres que solitamente vem ao nosso encontro e nos fala com entusiasmo das reparações que é mister fazer para tornar o D. Estefânia um estabelecimento regular. Desta enfermaria, de que é director o dr. Moreira Junior, não há menção especial a fazer, o mesmo não sucedendo à enfermaria de Santa Ana, cujas condições são péssimas, especialmente nos anos onde as paredes e os tetos nos lembraram a sordidez do hospital de São José.

Enfermaria de Nossa Senhora do Carmo: nada de anormal. O cuidado do pessoal accentua-se. O pavimento de soalho é duma alvura só possível com muita limpeza. A enfermaria é ampla, e pelas inúmeras janelas entra luz a jorros.

Sempre avançando por aquele labirinto de corredores, onde se perde a noção do ponto de partida, chegámos ao balneário do hospital. O balneário é pobre, duma pobreza grande. Ainda não há projecto de modificações ou de ampliações. As quatro cabines que possui são más, embora sejam aquilo que podem ser. Há buracos grandes, há fendas que precisam ser suturadas, há madeira apodrecida pela formiga branca, leitor! Este bichinho, tão perigoso como aquela formiga do mesmo nome que teve uma celebridade miserável na vida política portuguesa, é abundante no hospital Estefânia. Vem infiltrar no nosso quadro zoológico: São José, percevejos; Rêgo, moscas; Rilhafoles, ratos; Estefânia, formigas brancas...

Mas deixemos esse caso e entremos na enfermaria Ferraz de Macedo. É uma das dependências que vem de sofrer grandes reparações e por isso é a melhor das enfermarias, muito arejada, abundante de luz, plena de alegria. Tudo é harmonioso, desde o pavimento às cores das paredes e dos tetos.

A amplitude dessa enfermaria levou o engenheiro sr. Prazeres ao seguinte comentário: —A tendência moderna da hospitalização não é esta que os senhores vêem aqui. As enfermarias modernas têm apenas a capacidade para pouco mais de 10 doentes, a fim dos serviços clínicos e de enfermagem se-

desse a sala de operações que não destoa da enfermaria, uma revista à casa de banho e eis que avançamos agora na enfermaria Curry Cabral. Um novo cicerone forma neste momento já a comitiva. É o engenheiro, sr. Prazeres que solitamente vem ao nosso encontro e nos fala com entusiasmo das reparações que é mister fazer para tornar o D. Estefânia um estabelecimento regular. Desta enfermaria, de que é director o dr. Moreira Junior, não há menção especial a fazer, o mesmo não sucedendo à enfermaria de Santa Ana, cujas condições são péssimas, especialmente nos anos onde as paredes e os tetos nos lembraram a sordidez do hospital de São José.

Enfermaria de Nossa Senhora do Carmo: nada de anormal. O cuidado do pessoal accentua-se. O pavimento de soalho é duma alvura só possível com muita limpeza. A enfermaria é ampla, e pelas inúmeras janelas entra luz a jorros.

...mas mais eficazes e de melhor aproveitamento. Como a enfermagem já existia e apenas houve de se fazer reparações, essa tendência não pôde ser respeitada como era de desejar.

A visita prossegue e depois da passagem pelos quartos particulares e por outras dependências a que só podemos referir-nos lisonjeiramente chegamos aos chamados pavilhões que galgamos dum jacto e se nos depararam em condições regulares, convidando apenas a reparar aqui e melhorar acolá, obra que não será difícil se for facilitado o fim em vista pelo dr. sr. João Pais de Vasconcelos que é o de melhorar também este hospital.

Já nos claustros, com o largo tapete verdejante que fica ao centro unificando o olhar para a galeria onde algumas crianças nos acenam com as mãosinhas, misturando aos seus gestos o choro da sua inocência.

Estava terminada a visita. Os nossos cumprimentos de despedida a D. Maria do Rosário e viemos para a redacção intimamente convencidos de que o hospital Estefânia não desmente o conceito popular que diz ser ele o melhor estabelecimento hospitalar da cidade dos «inocentes».

O operariado aplaude a atitude de «A Batalha» em face das oligarquias financeiras

A campanha que *A Batalha* vem sustentando contra a alta finança tem sido alvo dos mais rasgados aplausos de todas as pessoas de bem. Inúmeras crianças nos têm visitado para nos felicitar. Bastantes também as cartas de felicitação que temos recebido. Mas além destas manifestações individuais de simpatia, é-nos grato registrar que os organismos operários nas suas reuniões, se manifestam favoravelmente à nossa atitude. Essas manifestações, que nos desvanecem, dão-nos ânimo para continuar lutando contra o mais poderoso inimigo do proletariado.

Da Federação Metalúrgica recebemos ontem a seguinte saudação que gostosamente publicamos:

O Conselho Federal na sua reunião de ontem aprovou uma entusiástica saudação à *Batalha* pela atitude que ela tem tomado em face dos enormes escândalos que ultimamente têm vindo a público, e exorta-a a prosseguir até completa destruição da sociedade capitalista.

GIMNASIO

Brevemente sobe à scena a nova peça «Tia Andrezza», que em Espanha obteve um esplendoroso sucesso.

AGREMIACÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade «Os 21 Manufactores de Calçado».—Reúne amanhã, às 20 horas, para apreciação do balanço e nomeação da comissão revisora de contas, devendo comparecer todos os componentes.

Socorro Vermelho.—A fim de apreciar o relatório do mês de Dezembro, que deve ser presente à reunião do Comité Central que se efectua no próximo Domingo pelas 15 horas, reúne extraordinariamente, hoje, pelas 21 horas, o Secretariado Geral.

Grupo Excursionista União de Vilar Sêco.—Hoje, pelas 21 horas, reúnem os corpos gerentes, nomeados na última assembleia geral, para 1923, a fim de tomarem posse dos seus cargos.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 15\$00
Pelo correio 16\$50.
Pedidos à administração da «A Batalha».

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Andorinha» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira e, por via Funchal, para a África Austral, Cape Town, Elisabeth e África Oriental.

Da Estação Central dos Correios recebe-se correspondência para registar até às 11 horas e das ordinárias até às 13 horas.

FOOT-BALL

Digno de nota o trabalho da gentilhorteense Luz na revista «Foot-Ball», em pleno sucesso no popular Maria Vitória.

CONFERÊNCIAS

«A propaganda da causa da Protecção aos Animais»

Na sede da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, realiza hoje, pelas 21 horas, o dr. sr. Júlio Eduardo dos Santos, uma conferência sobre «A propaganda da causa da Protecção aos Animais».

Em seguida haverá uma sessão cinematográfica educativa.

«A crise actual e forma segura de a resolver» pelo dr. sr. Reis Santos

A segunda conferência da série que a Associação de Classe dos Empregados de Escritório está realizando, efectua-se no próximo domingo, na sua sede, rua da Madalena, 225, 1.º.

E' conferente o dr. sr. Reis Santos que dissertará sobre «A crise actual e forma segura de a resolver», desenvolvendo o seguinte interessante tema: «Convencermos que não somos civilizados é a primeira condição para nos civilizarmos e para resolvermos a crise actual».

Na próxima semana:
A MOÇA DE CAMPANILLAS

TEATRO: SÃO LUIZ
HOJE AMANHÃ DEPOIS
Ultimas e definitivas das lindas operetas

A Montaria
A Canção do Uluido
Dois grandes êxitos

Na próxima semana:
A MOÇA DE CAMPANILLAS

Preparando o golpe

Recebemos da arcada a seguinte nota:

Tendo-se levantado em alguns jornais reparos sobre a falta de procedimento disciplinar por parte do ministério da justiça contra o juiz sr. Pinto de Magalhães, pela forma como tem procedido no célebre caso do Banco Angola e Metrópole, convém notar que o Poder Executivo não tem acção disciplinar directa sobre os magistrados judiciais porque esta é exercida pelo Conselho Superior Judiciário. Sabemos, porém, que a este conselho já foi apresentada queixa, tendo sido encarregado um inspector de inquirir do fundamento da queixa no que respeita à organização do processo que esteve a cargo do mesmo juiz sr. Pinto de Magalhães, e tomará as necessárias providências acerca de quaisquer outras atitudes irregulares do referido magistrado, contrárias aos deveres profissionais e ao seu prestigio de juiz.

Como se vê o golpe está sendo preparado com astúcia. A honestidade premeia-se com todas as censuras e castigos, o crime é alvo de todos os aplausos. Bate certo...

SÃO LUIZ

Continuam as enchentes e os aplausos neste teatro, onde imperam as grandes operetas «Montaria» e «Canção do Uluido».

As intermináveis conspirações pregas

ATENAS, 7.—O general Pangalos, presidente do conselho, declarou ter sido descoberta uma conspiração anti-zelecionista tendo por fim conseguir o regresso do rei Jorge ao trono da Grécia, conspiração organizada em virtude do general se ter recusado a realizar eleições.

O general Pangalos demitiu vários membros do seu gabinete, como medida de economia.

SOLIDARIEDADE

A festa pró-José dos Santos

A comissão organizadora da festa em auxílio de José dos Santos, realizada no passado domingo, pede-nos para, por intermédio do nosso jornal, manifestar o seu profundo reconhecimento a todos aqueles que contribuíram para o brilhantismo da referida festa, fazendo especial menção ao grupo dramático 8 de Abril Troupe Familiar Harmonia.

Restos da greve corticeira

Ficou solucionado ontem, com satisfação para os operários, o conflito suscitado na fábrica de cortiça Gameiro & Pinto, de Alhos Vedros.

O Sindicato dos Corticeiros do Barreiro convicia por esse motivo todos os quadra-dores que ali trabalhavam e que se encontram dispersos por várias localidades a regressarem aos seus lugares.

SÃO CARLOS

Repete-se hoje e sempre a estudiosa comédia «Homens de Hoje, quatro actos encantadores».

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Reúnem hoje, pelas 19 horas, em sessão conjunta as comissões de solidariedade e jurídica.

MUSICA

Programa do concerto público que se realiza hoje, das 14 às 15,30 horas pela banda de música da Brigada da Guarda Naval, na parada deste Quartel. «Niño Judío», P. D. NN; «Cleopatra», Abertura, Mancinelli; «Cavalaria Rusticana», Seleção, Mascagni; «Rapsódia em Fá», Liszt; «Andante de La Cassatili em Sol», Mozart; «Tambauer», Abertura, Wagner.

TEATRO GIMNASIO
Direcção artistica de GIL FERREIRA
HOJE
VIDA E DOGURA
Pega de palpitante interesse
DOMINGO 5.º CONCERTO FAO

TIVOLI
Telefone II. 5474
A's 8 3/4
DOLLY DAVIS em
CLAUDINA
Comédia em seis partes
JACKIE COOGAN
(O Miudinho de Charlie) em
O PEQUENO ROBINSON
Comédia em seis partes
CHARLIE CHAPLIN
(Charlie) em
Dia de Férias
Uma Revista de actualidades

O Sindicato dos Operários da Vidraça de Marinha Grande ameaçado de morte por políticos e seus cúmplices

Repugna acreditar que haja indivíduos que fazem da consciência um trampolim e desmentem as afirmações que produzem.

Estão neste caso vários camaradas que fazem parte do Sindicato Unico dos Operários da Indústria de Vidraça da Marinha Grande.

Não querem que os restantes camaradas saibam das negociações escuras que fazem, e daí o seu ataque aos novos estatutos que regem o aglomerado operário da vidraça. O Sindicato de Vidraça está na mão dos políticos e os vidraceiros estão à mercê desses mesmos políticos.

Não obstante, certos indivíduos insinuam que fui eu que levei, que estabeleci até a confusão na classe! Esses indivíduos não tiveram coragem de mo dizerem, face a face.

Mas como a deslealdade é sinónimo de cobardia, eis a razão porque agora me atacam à outrance e pretendem destruir os novos estatutos onde está também parte do meu esforço.

Mas eu sei porque. Eu sei porque é que se pretende destruir o que com tanto amor foi feito.

Eu sei porque é que os «bons» da classe querem os velhos e mal concebidos estatutos.

Eu sei bem porque é que me atacam tão deslealmente.

Outro tanto não acontece à classe a que me honro de pertencer.

Ah! que se ela soubesse compreender não era meia dúzia que trataria a mesma como numa marchanaria!

A antiga independência do Sindicato de Vidraça, que tanto o enobrecera, foi-se a vela e deu lugar a uma subserviência canina.

O Sindicato de Vidraça não é actualmente mais do que uma sucursal do P. R. P. E' o sr. Jaime Coutinho quem orienta os grandes «meneurs» da classe.

Um político venal, a dar instruções aos dirigentes da classe vidraceira!

Vejam a quanto desceram os estultos espertalhões que querem andar para trás! Destem a fórmula que institui, em secretário geral, preferindo a velha, que tem o «manequim» da presidência!

Querem a fórmula antiga, porque infelizmente percebem tanto da moderna como de um lugar de azeitão... e a prova é que pretendem substituí-la.

Querem o vulto do presidente para o cerimonial, de fita a tiracolo, bigodes à «Kaiser», dispondo da classe, como se dispõe de irracionais.

A fórmula moderna não convém igualmente ao sr. Jaime Coutinho, político mór da Marinha, porque lhe é desta maneira mais difícil engodar os operários.

Quere um «arrelgum» representativo, para o ludibriar, para o armar, e fazer dele o que tem feito de muitos na Marinha Grande.

Armou em conselho, e não me repugna acreditar que tivesse insinuado, que o Sindicato corria o risco grave de ser encerrado devido a não ter estatutos aprovados.

Que grande ingenuidade, a dos grandes «apóstolos» da classe vidraceira!

E o sr. Jaime Coutinho, que papa leis a todas as refeições, não nos poderá dizer, em que parte do Código, ou o que é, está expresso o parágrafo, que manda encerrar os sindicatos quando não têm Estatutos?

Sempre gostaríamos de ver, para em caso de ser verdadeiro o seu conselho, lhe rendermos «gracias», e em caso contrário, mandarmos-lo... fazer projectos, porque para tal, de sobra tem engenho e arte.

Eu sei bem que a semana pretérita o meu nome foi agitado, entre operários e o sr. Jaime Coutinho.

Desnecessário será dizer que se disse de mim coisas e lagartos. Resta-me a consolação, que não tiveram a dizer que em qualquer acto da minha vida, há o mais pálido reflexo dum subserviência, há a mais pequena demonstração de falta de critério.

O ano passado Manuel de Jesus Pedros ventitou a questão da reforma dos estatutos acrescentando que já mais faria parte dos corpos gerentes, enquanto os estatutos não fossem modificados.

De tal maneira o disse, e tão acendradamente defendeu a reforma que ela fez-se.

Foi devido à sua acção que, incontestavelmente, eles se reformaram.

Foi secundado por vários e entre eles José Azambuja Júnior. Este pretende destruir a obra do citado camarada.

Vejam-se, agora, o critério dualista deste indivíduo; primeiro defendeu a reforma, porque, para o seu espírito de sindicalista (sic) repugnava-lhe que houvesse um presidente, que dispizesse dos seus companheiros como um roceiro dos seus escravos!

Hoje, diz que não concorda que um sindicato tenha um secretário-geral.

Para tornar convincente a sua patacoada, estabelece o paralelo de que um presidente é um homem que impõe respeito—provavelmente é compadre do Ferreira do Amaral—e o secretário-geral, uma criança que não cala os bebês.

E lança mão desta grande, desta excelsa tirada—não há rebanho sem pastor.

Provavelmente, o rebanho é a classe, e o pastor o que dispõe, violentamente, dos outros—é tie.

Velhacamente, como Judas, dizem que o sindicato corre o risco de ser encerrado pelas autoridades!

Ingenuos, ou espertalhões, que querem ludibriar os bem intencionados.

Mas, nós confiamos nos camaradas que compõem a classe. Ainda não será desta vez que os falsos amigos dos vidraceiros verão por terra o sindicato.

Não preside a esta acção, que pretendem fazer os agentes do P. R. P. dentro do Sindicato, mais que não se seja o espírito da maldade.

Querem levar a classe à ruína. Depois, terem debaixo da pata toda a malta, como costumam dizer.

Querem ter as diversas secções na mão, criarem-lhes uma situação de favor, que é como quem diz uma vidente mordida, que faz calar, não deixa protestar.

Que temem tanto nisto os 1.º e 2.º ajudantes de vidraça, os estendedores e os cortadores.

Sendo Associação dos Manipuladores de Cilindros de Vidraça, implicitamente cessa a autoridade moral de todos vós para dentro dela protestardes, porque por manipulação de cilindros de vidraça compreende-se apenas o oficial.

E tanto assim é que Azambuja, muita vez a mim me encareceu a necessidade de pôr fora da Associação os estendedores. E então dizia-me que eles não tinham direito de estarem agrupados na mesma Associação.

Isto, de resto, vem a propósito da necessidade que há, em eu demonstrar a falsa lealdade da citada pessoa.

Afirmaram-me hoje que há grossas lutas, para desfazerem a classe de vidraça. Cautela, camaradas, cautela!

Homem prevenido vale por dois. Estou convencido que o José de Jesus Pedros, meu companheiro no escabroso caminho que ali palmilhei, não deixará de ir por diante, sem o seu veemente protesto, este empalmo que tem por testa de ferro José Azambuja.

Alves de Freitas.

Arma que se dispara

Segundo nos informam do Hospital de São José, na Fonte da Vaca, lugar próximo de Pinhal Novo, no concelho de Setúbal, reside o proprietário José Felgiceno, o qual antontem procedeu à matança dum suíno, ao que assistiram a convite daquele, várias pessoas dali entre elas, Francisco Jorge Canastra, seu primo Herculano Jorge Canastra, e um outro rapaz de 15 anos, de nome João Palmeira. A certa altura andavam os dois últimos de brincadeira, quando acidentalmente um deles derrubou uma espingarda caçadeira, que ali se encontrava encostada à parede, a qual ao cair no solo se disparou, indo a carga alojarse na nadeiga direita do Herculano. Ao ferido acudiram as pessoas presentes que lhe prestaram os primeiros socorros, seguindo depois para Lisboa, onde num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao Hospital de São José, em cujo Banco foi devidamente pensado, recolhendo em seguida à Sala de Observações.

Ocorrências diversas

Na enfermaria de Sto. António, do Hospital de S. José, faleceram:

—João Domingos, de 46 anos, serralheiro, natural e residente no Monte de Caparica e que foi, no dia 7 último, colhido ali por um ferro.

—José Rodrigues Maia, de 56 anos, carroceiro, natural de Aveiro, residente na rua Neves Piedade L. O, que caiu da carroça de que era condutor, na rua Barão Sabrosa. Os cadáveres foram removidos para a Casa Mortuária daquele hospital.

—Da enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José, saiu ontem com alta, recolhendo à cadeia do Limoeiro, onde foi acompanhado pelo oficial de diligências José de Sousa Gonçalves, Carlos Pereira, de 26 anos, empregado na Companhia Nacional de Navegação e residente na rua E, à Penha de França, T. A. S, aquele indivíduo que tentou suicidar-se depois de no dia 27 de outubro último, na Praça de D. Luis, ter ferido a tiro Clotilde da Silva, residente na rua da Boa Vista, 70, 1.º, a qual esteve internada na enfermaria Curry Cabral do Hospital Estefânia até 12 de novembro, em que saiu com alta.

—Na enfermaria n.º 2 do Hospital de Arroios, deu entrada, Joaquim Nunes, de 26 anos, carroceiro, natural de Lisboa e residente na ilha do Gilo, 92, rez-do-chão, o qual, na rua de Sta. Justa, foi atingido por um coice de cavalo, ficando com fractura na perna direita.

Nota officiosa

Do Ministério da Agricultura, secção da fiscalização dos produtos agrícolas, pedem-nos a publicação do seguinte:

«A Bóia Agrícola, instalada no Terreiro do Trigo, oficiou às Associações Comerciais do país, fábricas e estabelecimentos, comunicando-lhes que invalidou todos os antigos cartões de identidade, fazendo-os substituir por outros anuais devidamente autenticados com o selo branco da Divisão do Consumo Público, tendo-lhe igualmente enviado um cartão do actual modelo, para o confronto necessário, quando da apresentação dos agentes da fiscalização».

Esta medida tem por fim coibir abusos, devendo-se imediatamente proceder contra qualquer indivíduo que, imitando-se agente da fiscalização, não apresente o actual cartão, que sómente pode ser usado por quem exerça, de facto, tais atribuições».

Liga dos Amigos dos Hospitais

Rara a festa que o Club Mayer realiza no próximo dia 9 do corrente em benefício dos hospitais de Lisboa, já o sr. Rosa Mateus comunicou as seguintes valiosas adesões dos aplaudidos artistas do teatro Maria Vitória: sr.ª D. Lina Demol, D. Hortense Luz, D. Carminda Pereira, as seis Vitórias Girls e srs. Alfredo Ruas, Alberto Ghira e Carlos Leal, que apresentarão números de bastante sucesso. Consequi ainda do mesmo senhor a adesão de vários ilustres artistas do teatro de S. Luis, cujos nomes amanhã publicaremos, assim como o programa definitivo da festa.

TEATRO MARIA VITORIA

Telefone II. 5644
2 SÉSSOES 2 A's 8,30 e 10,30
Brilhantes récitas belicadas a Divisão de Honra do Foot-Ball de Lisboa
A TRIUNFANTE REVISTA

FOOT-BALL

A rainha das revistas de todos os tempos!
Crítica desopilante!
Deslumbradora fantasia!
A peça do dia!
O Teatro da moda!

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Uma «matinée» de fados

O interessante jornal *A Guitarra de Portugal*, realiza no próximo domingo, no teatro Apolo, uma «matinée» de fados para a qual já estão convidados muitos dos nossos artistas de teatro. O público apaixonado por este género de espectáculos tem en-selho, no próximo domingo, de assistir a esta grandiosa «matinée».

O programa é atráctissimo pela singular e extraordinária forma como está constituído. Recitarão versos: Silva Tavares, Beatriz Delgado, etc. Concertos de guitarras por próximos guitarristas, canções e fados de Coimbra por estudantes e vários amadores. Bento Faria escreveu uma brilhante conferência para esta festa. A actriz cantora Justina de Magalhães, bem como as suas colegas Lina Demol e Emilia Fernandes, cantarão fados a pianos e à guitarra.

Haverá um grandioso acto de variedade em que tomam parte os actores Rafael Alves, José Cardoso, Luciano Marques, Ernesto Silva. A conferência será lida pelo escritor J. Cirilo de Castro.

O espectáculo começa às 14,30. O último acto desta festa é todo composto pelos cantadores populares: Raul Ceia, Joaquim Campos, Artur do Intendente, Armando Barata, Jilão Prouça, António Lado, Alfredo dos Santos e Alfredo Duarte.

Reclames

As duas sessões de hoje, no Maria Vitória, são dedicadas aos grupos representativos das divisões de honra do Foot-Ball de Lisboa, não devendo, portanto, deixar de afluír aquele teatro todos os amadores desse tão popular e divulgado sport. Os espectáculos constam da revista sem rival, o famoso «Foot-Ball», que completa 500 repetições. O «Foot-Ball» tem a interpretação de um agrupamento de que fazem parte os mais notáveis artistas no género, notando-se, entre eles Lina Demol, Hortense Luz, Carlos Leal, Alberto Ghira, que faz o alegre com-pere da revista, Alfredo Ruas, Santos Carvalho e muitos mais.

—Hoje, amanhã e depois de amanhã, em três únicas recitas, repetem-se no São Luis as operetas «A Montaria» e «Canção do Uluido» que ontem voltaram a agradar imenso. Na próxima semana vai «A moça de Campanillas».

—E' bastante tentador o programa que hoje o Chiado Terras apresenta, composto de dois filmes «Ricardo Felizardo» 6 partes de aventuras pelo conhecido atleta saltador Ricardo Talmadge, (O idolo das multidões), «Harold neto amado» 5 partes pelo artista elegante Harold Lloyd, e «A dama da fita de veludo» 6 partes por Charles de Rochefort.

—Amanhã, sábado, é um dia grande em Lisboa, pois que se estreia no Coliseu dos Recreios a Nova Companhia do Circo, que vai causar grande sensação pelos números extraordinários que a compõem, como o célebre domador Ivanoff, que tem produzido a maior impressão em todo o mundo no seu espantoso trabalho de dressage de leões. E' um conjunto dos mais bem constituídos que nos têm visitado, vindo entre outras celebridades o famoso Castelli, originalíssimo meliste; os Rick Feller, assombrosos acrobatas em arame; miss Mary, equilibrista em arame; os Artonis, em colossais trabalhos aéreos; os admiráveis Artigos, acrobatas de balanço, os artistas portugueses Hermilinos, acrobatas olímpicos, e mais atracções de grande valor.

Os bilhetes já estão à venda.

—Não nos equivocemos ao dizer que era verdadeiramente sensacional o programa do concerto sinfónico, marcado para domingo, às 3 da tarde, no Gimnásio, sob a regência do ilustre maestro Fernandes Fão. E' para que os nossos leitores possam avaliar a sua primorosa organização, publicá-lo hemos a seguir. E'leio:

1.ª parte: Cleopatra (abertura); Mancinelli VIII, Concerto grosso, Corelli; (1.ª audição), Orquestra d'arco e órgão, Violinos, Solo prof. Luis Barbosa e Fernando Cabral, Violoncello, Solo prof. João Passos, Órgão, prof. Sampaio Ribeiro; 1) Vívace Grave-Allegro; II) Adagio; III) Vívace; IV) Pastorale Largo sem interrupção. 2.ª parte: Preimpts, Table musical Clasenon, Serenata, Nezkowski, Capricho Espanhol, Rimsky Kersakov, a) Alvorada; b) Variasion; c) Alvorada; d) Scena e canto gitano; e) Fandango asturiano. Todos estes números são executados sem interrupção. 3.ª parte: Daplinis et Chleo 1.ª suite (Fragmentos do Bailado) Ramei 1.ª audição em Portugal) Orquestra aumentada conforme as exigências da partitura; Marcha Húngara, Berlioz. Para este brilhantíssimo concerto estão já tomados muitos lugares, por várias famílias da nossa sociedade.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração da «A Batalha».

TEATRO APOLO

Telef. N. 4129
HOJE O DRAMA HOJE
A TABERNA
de Emilio Zola
Colossal criação do admirável actor-empresário
Alves da Cunha
ESPLÊNDIDO CONJUNTO

COLISEU DOS RECREIOS

Amanhã, sábado
Estreia
DA
Grande Companhia de Circo

Ultimas novidades mundiais
Bilhetes á venda

TEATRO S. CARLOS

Hoje — Hoje
repete-se a peça de FLERS
e CROISSET

Os homens de hoje

que tanto êxito obteve ontem

«A Batalha» na provincia e arredores

Guarda

Uma proesa heroica da «briosa»

GUARDA, 6.—Há noites a G. N. R. cometeu mais uma daquelas proesas que tanto têm brilhado as páginas da sua história. Os operários André Gomes, José Alves, Francisco Pinto e Vicente Ferreira, ao saírem de um café, notaram que cinco soldados da G. N. R. espionavam ferozmente um outro operário, de nome José Mesquita, que estava estendido no solo. Como aqueles operários lhes verberassem o procedimento, os soldados desembainharam os sabres e desandaram a agredir-lhes furiosamente. Após a proesa, foram para o largo de São Vicente e, encontrando aqui um empregado do café, de nome Artur, perguntaram-lhe onde se dirigia. Não os satisfiz a resposta e prepararam-se para agredir, mas a intervenção do guarda cívico n.º 6 fez afastar os heróicos defensores da ordem.—C.

Tortozendo

Os «milagres» dum ex-sacristão feiteiro

TORTOZENDO, 6.—Vindo dos colégios jesuítas de Espanha assentou arraiais na vizinha povoação de Coitã, onde se esta beleeu comercialmente, onde se esta conhecido por Padre Imlaia.

Este Imlaia que, por incapacidade mental, passou de sacristão, aborrecido pela subalteridade clerical a que este cargo o condenava, passou a armar em feiteiro, inaugurando na povoação acima citada um negócio de rezas mágicas. O nove feiteiro não olha a obstáculos e já adquiriu todo o material indispensável para requerer à custa dos crédulos. E já arranjan devido aos seus prodigiosos milagres o capital suficiente para se meter a negociar de lenhas, tendo admitido ao seu serviço vários trabalhadores.

Este negociante, não se esquecendo de que também é feiteiro, arranjou logo a alguns dos seus trabalhadores um «milagre», que consistiu em não lhes pagar os salários.

O feiteiro tinha arranjado uma «camionete» para melhor expansão do seu negócio, e como a certa altura ela carecesse dum arranjo, mandou-a para uma oficina onde lhe levaram 800 escudos pelo trabalho. E' claro que cometeu o «milagre» de ficar a dever o concerto.

Depois, aborrecido com a pequenez da aldeia em que vivia, veio para esta vila alojando-se numa hospedaria. Ali praticou o «milagre» de ficar a dever 500 escudos. E o mais lamentável é que ainda há «crédulos» que se deixam ludibriar pela lábia deste autêntico intrujão e o julgam capaz de praticar milagres!

Faro

Uma cigana morta pela policia

FARO, 6.—Foi morta pelo cívico n.º 46 uma cigana que, segundo nos informaram pertence à tribo que está acampada em Olhão. Este crime foi praticado na estrada de Faro a Olhão, no sítio conhecido pela meia legua.

Segundo informações que obtivemos a cigana foi morta a tiro quando procurava fugir às responsabilidades que lhe acarretavam um roubo que tinha praticado nesta cidade.

Este crime demonstra a fúria de assassinar de que se encontra, de há tempos para cá, possuída a policia. E' revoltante a facilidade com que a policia assassina qualquer pessoa, causando ainda maior indignação a impunidade de que ela fica sempre gosando.

A cigana foi morta quando levava nos braços uma filha sua, de 3 anos de idade! Abstemo-nos de apreciar mais circunstanciadamente este facto devido às diferentes versões que sobre ele correm nesta cidade.

OS QUE MORREM

Laurentino Francisco Chambel

PONTE DE SOR, 7.—Há dias faleceu no hospital desta vila, Laurentino Francisco Chambel Fozza, vítima de febres que adquiriu em Espanha, onde havia ido angariar os meios de subsistência, por aqui não ter onde empregar a sua actividade.

Deixa um filho de 7 anos por quem o sindicato local se interessará segundo os desejos do pai.

José Nunes Correia Costa

Faleceu ontem, pelas 16 horas, José Nunes Correia Costa, tipógrafo do *Diário da Tarde* e muito conhecido, nos quadros gráficos dos jornais de Lisboa, por Costa Periquito.

O funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas da rua da Barroca, 107, 4.º, para o cemitério do Alto de São João.

A direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos convivia todos os seus componentes, que o possam fazer, a incorporar-se no funeral.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extrações sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARCO POSTAL

Coimbra.—A. S. Jandário.—Mandamos o suplemento do dia 5 para todos os nossos agentes. Está completamente esgotado. Plymouth.—M. Abreu.—Recebemos seu cartão.

AGENDA

CALENDARIO DE JANEIRO

S.	1	11	18	25	HOJE O SOL
T.	2	12	19	26	Aparece às 7,55
Q.	3	13	20	27	Desaparece às 17,31
Q.	4	14	21	28	FAZENDA LULA
S.	5	15	22	29	L.C. dia 14 às 2,1
S.	6	16	23	30	L.N. » 7 » 12,11
D.	7	17	24	31	L.N. » 14 » 19,5
					L.C. » 20 » 11,8

MARES DE HOJE

Pratamar às 9,22 e às 9,56
Baixamar às 2,20 e às 2,52

CAMBIO

Países	Compra	Venda
--------	--------	-------

Sobre Londres, cheque	9500
Madrid, cheque	2477
Paris, cheque	276
Suiza, cheque	3380
Bruxelas, cheque	89
New-York, cheque	19560
Amsterdã, cheque	7590
Itália, cheque	579
Brasil, cheque	2595
Praga, cheque	58
Suécia, cheque	526
Austria, cheque	2477
Berlim, cheque	4568

ESPECTACULOS

TEATROS

São Carlos.—A's 21,30—«Os Homens de Hoje».
Trindade.—A's 21,15—«Clô Clô».
Delfino.—A's 21,30—«Agitação».
Olimpia.—A's 21,15—«Vida e Doença».
Epil.—A's 21,15—«A Taberna».
São João.—A's 21,15—«Montarias» e «Canção do Olvido».

Trindade.—A's 21,15—«O Pão de Ló».
São João.—A's 21,15—«Fragor».
Marta Vitória.—A's 20,50 e 21,30—«Foot-Ball».
Salto Voz.—A's 9,45—«O Pirlito» Animatógrafo e Variedades.

Cinema El Vicente (à Graça).—Espectáculos às 3,45 e 5,45, sábados e domingos com matins.

Trindade.—Tódas as noites. Concertos e variedades.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Terres.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

UNIAO

MARCA REGISTRADA

União Têxtil, S. A., fabrica em Portugal e qualidade com as melhores linhas do mundo.

Experimentem, pois, as vossas limas que se encontram à venda em todos os pontos estabelecidos de ferragens e sals.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço: 1500; pelo correio, 1520; registrado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

A sair por estes dias a 9.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.

A obra mais barata que no género se publica

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 550.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

—Com o vosso amigo Lefèvre...

Cristiano ficou mudo de espanto, e depois dirigindo-se ao sr. João:

—O meu espanto é grande. Lefèvre é um homem austero, absorvido pela ciência e pelo estudo. Que relações pode ele ter com esse devasso?

—Pois se estais surpreendido, cunhado, não o estou eu menos do que vós, replicou o soldado. O capitão Loyola que eu vi, há quatorze anos, o mais belo e o mais gentil cavaleiro, coberto de veludo, seda e rendas, está hoje tão esfarrapado como um ratoneiro; e eu não reconheceria o meu belo capitão neste estado se não fosse Lefèvre, que perguntando-me por vós me deixou examinar de perto o seu companheiro esfarrapado.

—As suas relações com Lefèvre surpreendem-me de tal modo, José, que tanto como o nosso hóspede estou impaciente por vos ouvir.

—Era pois em 1521, durante o cerco de Pamplona, começou o aventureiro, eu tinha quinze anos, e havia-me recentemente alistado entre os soldados franceses.

Um dia cavava com os meus companheiros uma trincheira junto da praça; os espanhóis fizeram uma sortida para destruir as nossas obras, as primeiras arcações dos meus companheiros lançaram-se por terra, com o nariz metido no buraco; a sua cobardia revoltou-me, e arrei-me com uma picareta, lançando-me no barulho, dando para a direita e para a esquerda sobre os espanhóis.

Um golpe de uma acha de armas deitou-me por terra, e quando tornei a mim achei-me no campo da batalha entre muitos dos nossos, prisioneiros; assim como eu estava. Cercava nos uma companhia de arcabuzeiros espanhóis, o seu capitão com a viseira do capacete levantada, montado num cavalo mourisco, negro como o ébano, vestido de veludo vermelho bordado de prata, enxugava a comprida espada que estava toda cheia de sangue, na crina do cavalo.

O tal capitão era D. Inácio de Loyola; e logo negro levantado a castelhana, moesa no queixo, rosto

queimado, ar intrépido, aparência ativa e guerreira, eis aqui o seu retrato. Vira-me combatendo os seus soldados, e graças à minha picareta e à minha mocidade, pôs-se a rir para mim, dizendo-me em francês:

—«Queres ser meu pagem? O teu rosto esperto anuncia um maroto inteligente; dar-te-hei uma libré de veludo vermelho e prata, um ducado em cada mês e terás mesa franca no meu palácio...» Ah! cunhado, mesa franca, eu de quem o estômago estava sempre vazio como o tunel de São Benedito vesti uma bela libré vermelha e prateada, quando os meus calções me anunciavam, havia já muito tempo, donde soprava o vento! receber cada mês um ducado, eu que não tinha ainda tirado em toda a longa campanha senão uma tigela de madeira, que me servia de chapéu, lancei um grito em sinal de alegria, e respondi a D. Inácio que o seguiria a casa de todos os diabos do inferno, e logo depois entrei em Pamplona com o meu novo patrão.

—Isso parece-me extraordinário—replicou Cristiano.—Que serviço podia prestar a D. Inácio um pagem que nem sequer sabia a língua do país?

—Ah! é por isso mesmo que ele me tomava para o seu serviço. Oh! o tal D. Inácio é um refinado patife! Apenas cheguei a casa dele, um velho mormodo, única pessoa da sua gente que falava francês, mandou-me equipar de novo desde os pés até à cabeça; calções de veludo vermelho, corpete de setim branco, capa curta com galões de prata, gargantilha e touca à espanhola, e eis-me ataviado como um verdadeiro pagem de corte. Eu tinha então os meus dois olhos, que eram dois verdadeiros facho de malícia! o focinho astuto duma raposa! Assim vestido de ponto em branco, o mormodo apresentou-me ao capitão Loyola.

—Sabes porque—me disse ele—eu te tomo por pagem, tu francês? E porque, não sabendo tu o espanhol, não terás outro remédio senão ser discreto, não só com a gente de minha casa, mas também com a de fora...

—Isso não é mal imaginado—disse Cristiano.

—D. Inácio tinha, segundo julgo, segredos amorosos a guardar.

—Pelo ventre de São Quenel! conheci-lhe as três amantes ao mesmo tempo: uma interessante mercadora, uma altaiva marquesa e uma endiabrada cigana, a mais bela rapariga da Boémia que jamais fez resaoar um pandeiro. O capitão Loyola era um verdadeiro sapador de amor; revestia sempre as suas conquistas dum certo mistério... «O que é ignorado não existe», dizia-me muitas vezes o velho mormodo.

—O que é ignorado não existe... repetiu o sr. João com ar pensativo.—Sim, a julgar por estas palavras, deve ser efectivamente esse o homem que me tem sido descrito.

Agora escuta a história da primeira noite em que servi de pagem ao sr. D. Inácio, e conhecê-lo-heis! Fora convenionada uma trégua de 15 dias entre franceses e espanhóis logo em seguida à sortida em que eu fora feito prisioneiro; o capitão Loyola, como homem esperto, quis aproveitar-se da trégua para os seus amores.

Pela meia noite chamou-me para junto de si. Diabo! Se ele era marcial com a sua armadura de batalha, era encantador com o seu vestido de corte! Deu-me uma escada de seda e uma guitarra, tomou o seu punhal e a sua espada, envolveu-se num capote escuro, e embrulhou-se até aos olhos; o velho mormodo abriu-me uma porta, culta, deixámos a casa e depois de atravessarmos algumas ruas estreitas, chegámos a uma praça deserta.

O meu patrão colocou-se debaixo de uma janela, com gelosias fechadas, pediu-me a guitarra, e eis o sr. capitão a cantar um romance; aos trindados daquele rouxinol com bigodes, abriu-se uma das gelosias, e zai um ramalhete de flores de romã; D. Inácio apanha-o, toma um bilhete que estava oculto entre as flores, e dá-me o ramalhete a guardar assim como a guitarra.

Ora, eu julgava que a noite estava acabada; mas, pelo ventre de São Quenel; então é que ela começava! O capitão Loyola, depois da guitarrada, prosseguiu a

sua corrida nocturna nas ruas de Pamplona; chegámos em frente de uma casa de bela aparência; o meu patrão para debaixo de uma janela, dá-me a guitarra e a espada, ficou só com o seu punhal, desembocou-se do capote e disse-me: «Hás de segurar a ponta da escada enquanto eu subir à janela; depois pôr-te-hás à espreita perto da casa; se alguém entrar, corre depressa para debaixo da janela e bate duas palmadas; eu entenderei o que queres dizer o sinal». Isto convenionado, D. Inácio bate duas palmadas, e logo, apesar da escuridão da noite, vi uma forma branca que se curvava no parapeito da janela, e que lançava um cordão, o meu patrão amarra-lhe a escada, o vulto branco puxa por ela e amarra-a à janela; eu seguro com força no último degrau, enquanto o capitão a subiu, leve e ligeiro como um gato correndo nas biqueiras dos telhados; eu fui, depois disto, embuscar-me perto da porta.

Mas com todos os diabos! o que é que eu vi logo depois? Muitos senhores alumiados por lacaio que traziam os archotes, desembocam de um dos lados da rua. Um deles foi direito para a porta, a que eu estava de sentinela, e entrou na casa onde estava o meu patrão; obedecendo à ordem que tinha, porém esquecendo que a luz dos archotes me traia, corri para debaixo da janela e bati as duas palmadas de sinal... mas haviam-me visto...

Dois lacaio me agarraram no momento em que o capitão Loyola, advertido pelo sinal, lançava a perna por cima do parapeito para descer para a rua; foi reconhecido a claridade dos archotes. «E! ele!... ei-lo aí!...» gritavam com tom ameaçador todos os senhores agrupados na rua.

Assim descoberto, D. Inácio deixa-se bravamente escorregar ao longo da escada, e mal toca em terra, grita-me: «Olá! meu pagem, a minha espada!...»

—D. Inácio de Loyola, eu sou D. Alonso, irmão de D. Carmen, disse um dos cavaleiros.

—E eu estou pronto a dar-vos satisfação! respondeu atrevidamente o capitão. Com a breca! nos dois

queimado, ar intrépido, aparência ativa e guerreira, eis aqui o seu retrato. Vira-me combatendo os seus soldados, e graças à minha picareta e à minha mocidade, pôs-se a rir para mim, dizendo-me em francês:

—«Queres ser meu pagem? O teu rosto esperto anuncia um maroto inteligente; dar-te-hei uma libré de veludo vermelho e prata, um ducado em cada mês e terás mesa franca no meu palácio...» Ah! cunhado, mesa franca, eu de quem o estômago estava sempre vazio como o tunel de São Benedito vesti uma bela libré vermelha e prateada, quando os meus calções me anunciavam, havia já muito tempo, donde soprava o vento! receber cada mês um ducado, eu que não tinha ainda tirado em toda a longa campanha senão uma tigela de madeira, que me servia de chapéu, lancei um grito em sinal de alegria, e respondi a D. Inácio que o seguiria a casa de todos os diabos do inferno, e logo depois entrei em Pamplona com o meu novo patrão.

—Isso parece-me extraordinário—replicou Cristiano.—Que serviço podia prestar a D. Inácio um pagem que nem sequer sabia a língua do país?

—Ah! é por isso mesmo que ele me tomava para o seu serviço. Oh! o tal D. Inácio é um refinado patife! Apenas cheguei a casa dele, um velho mormodo, única pessoa da sua gente que falava francês, mandou-me equipar de novo desde os pés até à cabeça; calções de veludo vermelho, corpete de setim branco, capa curta com galões de prata, gargantilha e touca à espanhola, e eis-me ataviado como um verdadeiro pagem de corte. Eu tinha então os meus dois olhos, que eram dois verdadeiros facho de malícia! o focinho astuto duma raposa! Assim vestido de ponto em branco, o mormodo apresentou-me ao capitão Loyola.

—Sabes porque—me disse ele—eu te tomo por pagem, tu francês? E porque, não sabendo tu o espanhol, não terás outro remédio senão ser discreto, não só com a gente de minha casa, mas também com a de fora...

—Isso não é mal imaginado—disse Cristiano.

—D. Inácio tinha, segundo julgo, segredos amorosos a guardar.

—Pelo ventre de São Quenel! conheci-lhe as três amantes ao mesmo tempo: uma interessante mercadora, uma altaiva marquesa e uma endiabrada cigana, a mais bela rapariga da Boémia que jamais fez resaoar um pandeiro. O capitão Loyola era um verdadeiro sapador de amor; revestia sempre as suas conquistas dum certo mistério... «O que é ignorado não existe», dizia-me muitas vezes o velho mormodo.

—O que é ignorado não existe... repetiu o sr. João com ar pensativo.—Sim, a julgar por estas palavras, deve ser efectivamente esse o homem que me tem sido descrito.

Agora escuta a história da primeira noite em que servi de pagem ao sr. D. Inácio, e conhecê-lo-heis! Fora convenionada uma trégua de 15 dias entre franceses e espanhóis logo em seguida à sortida em que eu fora feito prisioneiro; o capitão Loyola, como homem esperto, quis aproveitar-se da trégua para os seus amores.

Pela meia noite chamou-me para junto de si. Diabo! Se ele era marcial com a sua armadura de batalha, era encantador com o seu vestido de corte! Deu-me uma escada de seda e uma guitarra, tomou o seu punhal e a sua espada, envolveu-se num capote escuro, e embrulhou-se até aos olhos; o velho mormodo abriu-me uma porta, culta, deixámos a casa e depois de atravessarmos algumas ruas estreitas, chegámos a uma praça deserta.

O meu patrão colocou-se debaixo de uma janela, com gelosias fechadas, pediu-me a guitarra, e eis o sr. capitão a cantar um romance; aos trindados daquele rouxinol com bigodes, abriu-se uma das gelosias, e zai um ramalhete de flores de romã; D. Inácio apanha-o, toma um bilhete que estava oculto entre as flores, e dá-me o ramalhete a guardar assim como a guitarra.

Ora, eu julgava que a noite estava acabada; mas, pelo ventre de São Quenel; então é que ela começava! O capitão Loyola, depois da guitarrada, prosseguiu a

Frio!! Frio!! Frio!!

PARA SENHORA

Vestidos em lã a principiar em 40\$00

Casacos a principiar em 60\$00

Enorme sortido em CASACOS DE PELUCHE por preços limitadíssimos

Bom sortimento de casacos para criança

Os melhores capotes alentejanos são os desta casa

GRANDE sortido em SOBRETUDOS por preços sem competência

CASA MARIPOSA

87-Rua dos Fanqueiros-91

(Próximo à rua dos Retrozeiros)

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, lanchas para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

14, R. do Amparo, 86—LISBOA—TELEF. 3333, N. gramas, FERRAGENS

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do dr. R. Wolff — Berlim

Medicamento preciso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem secundários. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tanaismas substituições indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumulam no organismo e não produzem efeitos secundários nos rins.

Resultados garantidos para ambos os sexos. Numerosas confirmações individuais o atestam, assim como atestados médicos. Não confundir este produto com outros similares.

Envia-se oculto — Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

R. vende no Agente e Depositário geral para Portugal e Colónias

Fernando da Silva

183, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

A VENDA SO NESTAS CASAS:

EM LISBOA: Farmácia MENDES BRAGA, 133, Rua do Mundo, 135. — Farmácia PORTUGAL, Lda. — Rua Augusta, 218

NO PORTO: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 3r de Janeiro, 207

Auto protector para evitar a infecção

de todas as doenças venereas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sífilíticas, usem:

remédio alemão duma eficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apenhar estas doenças.

Cada biscoito com as instruções de usar custa em Lisboa, 740, e com caixinha de aluminio, Esc. 1850. Para a provincia mais 100 de despesa. Envia-se a corraça, pelo correio.

ARMANDO CUNHA Rua da Escola Politécnica, 16 e 18. LISBOA—Telefone Norte 4006.

COMPRAM E VENDEM

NOVOS E USADOS

José Epifânio Real & Filho

31, RUA DO NORTE, 33—LISBOA

ASSINE M

Os Mistérios do Povo

Biblioteca de Instrução Profissional Já se encontra à venda o

Manuais de officios

Galvanoplastia 18\$00

Motores de explosão 20\$00

Navegante 16\$00

Cimento armado 25\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções 16\$00

Alvenaria e Cantaria 13\$00

Edificações 13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações 13\$00

Materiais de construção 20\$00

Terraplenagens e alçerces 13\$00

Trabalhos de Carpintaria 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas 20\$00

Fogoeiro 16\$00

Formador e estucador 12\$00

Fundidor 13\$00

Pilagem 16\$00

Indústria alimentar 12\$00

Indústria do vidro 12\$00

Elementos gerais

Algebra elemental 13\$00

Aritmética pratica 15\$00

Desenho linear geométrico 12\$00

Elementos de electricidade 30\$00

Elementos de fisica 12\$00

Elementos de Mecânica 12\$00

Elementos de Modelação 12\$00

Elementos de Projectões 16\$00

Elementos de Quimica 12\$00

Geometria plana e no espaço 13\$00

Fabricante de tecidos 13\$00

Mecânica

Tornelero e Frezador mecânicos 15\$00

Desenho de máquinas 25\$00

Material agricola 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor 13\$00

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

Por Arckinof. Preço 1550.

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espirito revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Arckinof

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACROVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviets.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00

A' venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.

Desconto aos revendedores.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limitada—R. dos Retrozeiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de A Batalha.

LUESAN

Anti-sifilítico eficaz, cómodo e económico adoptado por distintos clinicos

vende nas principais farmácias

DEPÓSITOS:

No Porto Farm. Dr. Moreno—Largo de S. Domingos, 42-44

Em Lisboa F. Azevedo, Irmão & Veloso—R. do Mundo, 24-42

Farmácia Azevedo, Filhos—Rossio, 31-33

Pestana, Branco & Fernandes Lda.—Rua dos Sapateiros, 29, 1.ª

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 22 desta revista intitulada Luz e as trevas de F. Caro Crespo. Preço, 550. — Pedidos à administração de A Batalha.

192 páginas com muitas gravuras

Preço 5\$00

Pelo correio 6 escudos

CONTENDO:

Resumo do calendário de 1925—Calendário para 1926—Resumo do calendário para 1927—O que há a fazer nos doze meses do ano—Calendário para os anos de 1900 a 1980—Subsídios para a história do



NO LABIRINTO RUSSO...

Leninegrado contra Moscovia

A derrota de Zinovieff não consolidou o triunfo de Staline e as medidas tomadas não reprimiram a oposição no partido comunista

Não se dissipou ainda o nevoeiro que desceu sobre a política russa. De longe, Moscovo impôs, com um gesto que não diminuiu a impossibilidade da sua face, o maior silêncio. Nada diz a imprensa comunista, que está sob a ameaça de excomunhão, a mesma ameaça que pesa sobre todas as atitudes que desagradem às autoridades vermelhas. Começam sendo publicadas as actas do congresso, que a feição rigorosa do Kremlin bolchevista paralisou de tal forma que o nome de Zinovieff raras vezes aparece registado. As informações para o estrangeiro são contraditórias, umas desmascarando outras, e todas expeditas pela agência telegráfica Tass, subsidiada pelo governo russo, e associada à agência burguesa Havas.

De modo que não se ganha uma ideia exacta das discussões havidas; somente, as hipóteses engendram um labirinto tenebroso e sortilégio — um labirinto que nós os nossos cruzar em todas as direcções, seguros da impunidade que nos concede o sr. Staline...

Ainda se sentem rumores de luta. A facção de Zinovieff, constituída por militantes de Leninegrado e que tem uma forte influência na III Internacional, ora em luta contra o partido comunista e o governo central, foi derrotada, mas não foi subjugada, a pesar da seguinte declaração atribuída a Zinovieff:

«As decisões do XIV Congresso Comunista são obrigatórias para nós, como o são para todos os militantes comunistas.»

Para se extinguir os «desvios» se interdita toda a discussão

Contudo, a submissão de Zinovieff não é muito franca, e prevê-se que a sua facção resistirá, não se sabe até onde. Zinovieff declarou no congresso, no momento da sua derrota, que a minoria não pretende abrir um seismo no Partido com a sua aberta discordância da política que a Rússia vem seguindo; porém, as resoluções dos congressos nem sempre foram unânimes e nem sempre constituem leis para as minorias.

Os adversários de Zinovieff insurgiram-se contra esta declaração que, em boa verdade, não confirmam qualquer disposição de submissão. A nós, extranhos à luta, parece realmente que a submissão de Zinovieff se pode comparar à submissão de um chefe de cabila rifeña...

Rikov, presidente do conselho de comissários do povo, cuja figura se apaga nesta batalha, a pesar do seu valor mental — atacou vigorosamente a facção de Leninegrado, acusando-a de infringir a disciplina comunista com o prosseguimento da polémica depois das decisões «formais» do congresso. Enfim, apeliou para os comunistas de Leninegrado se reintegrassem na «solidariedade» do partido, observando estritamente todas as suas regras disciplinares.

O congresso havia já resolvido, por uma fortíssima maioria, que a direcção do Partido Comunista tomasse as medidas necessárias para inutilizar todos os «desvios» de tática, tanto fossem praticados pela direita como pela extrema esquerda. Não foi difícil, pois, que o apelo de Rikov fosse aprovado.

Nem esta atitude conseguiu extinguir a oposição de Zinovieff, que era apoiada por madame Kronpaskaja, a viúva de Lenine, por Kameneff e por Sokolnikoff. Ao lado de Staline se colocaram, por sua vez, Rikov e Boukharine.

Este antagonismo preocupa seriamente todo o partido comunista, cujo órgão jornalístico, o *Pravda*, considera que toda a discussão deve ser interdita, tão «perigosa» se torna.

O actual regime económico tem as características do capitalismo

A facção de Leninegrado foi alvo de uma fusilaria de acusações. Ela é acusada de pretender dividir pelo pânico, de liquidar a revolução, de capitalizar, de ser pessimista, menchevista, demagoga, anti-leninista, axehodista, revisionista, scissionista, fraccionista e histerica. Estas acusações, que fazem rir gostosamente os ocidentais, podem ser motivos dos mais rigorosos castigos.

Já no congresso, a oposição viu contrariada a sua liberdade de expressão. Kameneff não foi «qualificado» para apresentar a tese oportunista acerca da política russa. Este personagem e o seu amigo Zinovieff foram apontados por Rikov como os interpretes de todos os descontentamentos. Mas Kameneff e Zinovieff retorquiram que os descontentes e, com eles, a oposição, crescerão ainda mais no futuro...

Finalmente, o representante da comissão de controle, Konibeyeff, acusou Zinovieff de haver organizado «ilegalmente», clandestinamente, um centro político em Leninegrado, com o objectivo de orientar o Partido Comunista fora da gestão do comité central. E madame Kronpaskaja, no seu discurso, retorquiu com uma acusação a Boukharine de haver gritado aos camponeses a central — *Enriquecei-vos!* Depois acusou o comité central de se ter inclinado a suprimir o monopólio do comércio exterior, não o tendo feito por a isso se opor Zinovieff.

Outro aspecto curioso deste confuso debate foi ter a irmã de Lenine, Maria Ilinitchna, feito um cerrado ataque à exposição de madame Kronpaskaja.

Veu depois o sr. Sokolnikoff, comissário das finanças, partidário da oposição, afirmar que o actual regime económico russo tem a feição capitalista. «O nosso sistema monetário», disse também — «é um sistema capitalista; os nossos bancos não são mais que instituições capitalistas. O monopólio do comércio exterior funciona segundo as regras capitalistas e o socialismo, afinal, não está realizado em uma só fábrica». Acusou também o sr. Staline de desejar a rápida industrialização da Rússia, com a interferência do capitalismo estrangeiro.

O sr. Rikov desagradou-se e voltou ao sr. Sokolnikoff a acusação de desejar para a Rússia um regime igual ao de Dawes na Alemanha.

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Protecção à maternidade no Panamá

Na *Gaceta Oficial*, do Panamá, foi publicado um decreto determinando que as empregadas dos correios, telegrafos e telefones não devam trabalhar durante o período de gravidez e até que o filho tenha um ano de idade. Considerou o governo necessária esta providência por entender que durante esse tempo as empregadas não desempenham com o preciso zelo as suas funções. Por isso logo que se encontrem em condições de o fazer são reintegradas nos seus postos.

Sindicalização dos intelectuais na Suíça

Werner Schmidt publica na revista *Der Geistesarbeiter* um artigo acerca da situação dos trabalhadores intelectuais na Suíça. Declara o articulista que os sindicatos dos artistas, de médicos, de advogados, de professores, de engenheiros e arquitetos tomam pouco interesse pelos organismos mais importantes e pelas relações que deviam manter com os demais sindicatos profissionais. Preconiza a reorganização sindical dos intelectuais suíços e a reunião dos presidentes e secretários dos sindicatos existentes para tratar de:

—melhorar a situação económica dos trabalhadores intelectuais;
—efectuar um inquérito sobre a admissão e «paro» dos mesmos trabalhadores;
—regularizar as migrações desses profissionais em colaboração com as organizações competentes dos outros países;
—assegurar a orientação profissional dos interessados e um serviço de informações gratuitas sobre todas as questões que se referem a estes trabalhadores;
—criar um grupo parlamentar nos conselhos de todos os cantões e principalmente na Assembleia Federal para defesa dos interesses dos obreiros intelectuais.

Direito internacional operário no Uruguai e Argentina

Devido ao curso que o director da Repartição Internacional do Trabalho conseguiu obter na sua recente viagem à América do Sul, quer dos governos quer das personalidades de várias facções políticas, a ratificação das convenções internacionais continua nesses países com sucesso.

No Uruguai, o Presidente da República enviou uma mensagem ao Parlamento solicitando a aprovação das convenções adoptadas nas conferências de 1919, 1920 e 1921, principalmente a concernente ao horário do trabalho.

O parlamento argentino também foi convocado a reunir extraordinariamente para ratificar convenções internacionais.

Anuario Internacional do Trabalho

Devido ao diligente esforço da Repartição Internacional do Trabalho foi agora editada uma separata do *Anuario Internacional do Trabalho*, a qual é referente aos organismos da Sociedade das Nações e serviços organizados em diferentes países para questões de trabalho. Neste fascículo encontra-se uma nomenclatura dos serviços administrativos do labor da cidade Livre de Dantzig, da Islandia, do Estado Livre da Islandia, da Letónia, da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, inclusive da federativa da Rússia, do Território de Sarrá e da Turquia.

Este fascículo, como todas as publicações da Repartição Internacional do Trabalho podem ser adquiridas em Lisboa, por intermédio da Livraria Sá da Costa, largo do Poço Novo, e o correspondente das *Informações Sociais* — rua de São Bernardo, 93, 1.ª — presta quaisquer informações referentes à Repartição Internacional do Trabalho.

Características do movimento sindical na Iugoslavia

A acção do movimento operário na Iugoslavia determina-se por várias influências, sendo a mais forte a influência dos reformistas, os quais predominam igualmente na Bolsa de Trabalho em Belgrado.

Os comunistas chegaram a atingir consideravelmente uma influência na Bolsa onde organizaram vários comités que orientavam a acção sindical segundo as sugestões do partido. Em 1920, porém, o governo fez dissolver brutalmente aqueles comités e os sindicatos revolucionários, até então constituídos.

Os «comités» passaram a ser constituídos por reformistas, sob a protecção mais ou menos ostensiva do governo. Os seus mandatos vigorariam por três anos, mas, em 1923, os reformistas, com o assentimento do governo, resolveram prorrogar esses mandatos, sem a lógica consulta ao operariado organizado. Assim perderam os comunistas a influência que haviam obtido no movimento sindical.

Desde então, os reformistas têm predominado quasi completamente. Porém alguns sindicatos tornaram-se independentes e adoptaram os métodos revolucionários sem abandonarem a Bolsa de Trabalho, e constituíram uma Central Sindical.

Mas a direcção da Bolsa de Trabalho resolveu ultimamente excluir da sua organização os sindicatos independentes, sob a alegação de estarem eles influenciados pelos comunistas e de se furtarem à orientação económica da Bolsa.

A Central excluída, ao abrigo de certas disposições legais, resolveu recorrer para o ministério de previdência social, negando as acusações feitas. Mas o ministério regeitou o recurso, argumentando que as declarações da Bolsa subsistiam, não podendo ser reconhecida, por isso, a organização económica dos sindicatos independentes.

Em vista da decisão do ministério da previdência social, os sindicatos independentes vão ser dissolvidos, extinguindo-se assim a última preocupação dos reformistas contra a concorrência dos comunistas.

Na Sociedade das Malhas, de Coimbra

Os empregados despedidos resolvem-se, enfim, a falar...

Domingo, ao cair da tarde, quando o povo de Coimbra retirava do comércio realizado no teatro Avenida, onde energicamente se protestara contra a formidável burla da Angola e Metrópole, encontramos em Sansão dois ex-empregados da Sociedade das Malhas. O acaso proporcionava-nos um magnífico ensejo de obter informações seguras acerca dos boatos que corriam e aproveitámo-lo.

Lamos a iniciar uma espécie de entrevista quando outros ex-empregados se acercaram também, tomando vivamente parte na conversa.

—Então como decorreram os serviços fabris durante a actual gerência? — perguntamos.

—Pessimamente! Não calcula! Tem sido um desastre: produção insignificante e má, quasi tudo refugo e obra com defeito.

—E verdade que em 7 meses se fizeram cerca de 2.000 quilos de desperdícios?

—Sim, senhor. Há dias foram vendidos 1932 quilos de desperdícios em fio e malha de algodão e seda para a firma Santos & Silva, da Covilhã, cremos que a 500 cada quilo.

—E em quanto se pode avaliar esse prejuízo?

—É difícil responder neste momento — esclarece um ex-empregado. Há fios de diversas qualidades e preços, mas como a maior quantidade dos desperdícios era de algodões finos mercerizados e seda, pode atribuir-se um preço médio de 7000 por quilo, ou seja um valor total de cerca de 139 contos. Juntos agora o custo da mão-de-obra e outras despesas de fabricação, visto a maior parte dos desperdícios parte dos desperdícios serem em malha, e não andaremos muito longe da verdade se calcularmos o prejuízo em cerca de 200 contos!

—Então a gerência e os mestres não procuravam remediar o mal?

—Qual história!... Eles não percebem nada daquilo... E que mestres!... Olhe: um era barbeiro e agora é... desafiador de máquinas e guarda-portão. O outro (são dois irmãos) tem o pomposo título de mestre geral. Diz que sabe muito, porque foi industrial há muitos anos, mas *envergonha-se* de mostrar o seu saber diante do pessoal, e por isso nunca mexe nas máquinas. Só agora, que a fábrica está parada, é que eles trabalham...

—Mas trabalham em quê, com a fábrica parada?

—Ora, como são «galegos» fazem «mudanças»... de máquinas dumhas secções para outras a fim de mostrarem aos sócios na próxima assembleia geral que têm feito alguma coisa... Tratam, como vê, de segurar-se nos lugares que têm!

—E o gerente técnico P. o tal Soto Maior? Os nossos interlocutores riem-se com gosto:

—Oh! Esse não vê nada, absolutamente nada, a não ser as raparigas que supõe serem bonitas... Quer ouvir? — Há tempos entrou no escritório da gerência um empregado levando na mão um par de meias. O sr. Soto Maior pegou nas meias e dirigindo-se ao sr. J. Mendes disse-lhe: — Olhe que lindo preto que têm estas meias! O sr. Mendes soltou uma gargalhada e exclamou: — Mas as meias são de cor castanha! — Ah! não respondeu Soto Maior, então; deve ser um castanho muito escuro visto que me parecem pretas!

—E quanto à moral desse senhor? Confirma-se, não é verdade, o que a *Batalha* dele disse em tempos?

—Tudo. E o que a *Batalha* disse foi muito pouco. Para se avaliar da moralidade desse senhor basta isto: Um dia dirigindo-se ao guarda-livros Calisto disse-lhe: O Calisto, tu és um *trouxão*! Estás aqui há tanto tempo e ainda não arranjava uma rapariga. Pois eu que sou um velho tenho quantas quero!

O escritório da gerência que está a entrada da fábrica já esteve para ser transformado em *colé*! Chegou a sair de lá todo o mobiliário e queria lá pôr uma cama e demais objectos adequados...

Ficava também com o telefone da rede da casa, ligado a todas as secções para uso do sultão.

E a conversa ia a deslizar para assuntos ainda mais escabrosos...

—E o sr. João Mendes? atalhamos...

—Esse é da mesma fôrça, mas encobre-se mais... Ao princípio procurava certificar-se pelo tacto, do patriotismo delagumas operárias. Tem sido porém mais escaçoado do que o outro. E menos generoso...

—Como assim?

—Eu explico, diz-nos um outro ex-empregado da Sociedade. O Soto Maior dá tudo. Meias de seda, frascos de perfume, pasta e escovas para dentes, dinheiro, etc.

—Mas isso prova que as operárias acedem a suas pretensões! exclamamos.

—Não é bem assim, retorque o nosso interlocutor, — umas divertem-se com ele, outras exploram-no...

Mudamos o rumo à conversa.

—A casa tem muitos clientes?

—Tive. Nos últimos tempos têm sido envolvidas muitas encomendas devido à imperfeição do fabrico.

—E verdade o sr. João Mendes negociar pessoalmente com a casa?

—E sim, senhor. Tem comprado a maior parte da «obra com defeito» e «refugo» com 50 por cento de desconto.

—E que desconto fazem aos outros clientes?

—Apenas 30 por cento. Muito raras vezes se lhes tem feito desconto maior e nem sempre há fazenda para eles...

—Explique melhor! insistimos...

—O outro empregado esclarece: — O sr. João Mendes ordenou que a obra considerada «com defeito» e «refugo» fosse sempre guardada nos armários que estão na secção de empacotamento, e não fosse para o armazém a fim de não ser vista pelos outros fregueses. De tempos a tempos saía uma remessa da dita obra para o armazém dele, e só quando ele não precisava e havia grande *stock* é que se vendia alguma fazenda aos outros clientes.

—O Soto Maior também negociava?

—Creio que não. No entanto mandou mostruários completos para alguns amigos e parentes de várias localidades, que nunca foram debitados nem vieram devolvidos.

—Foram despedidos todos os empregados?

—Não, senhor. Ficou o mestre da fiação, que felizmente está garantido por um con-

trato; os dois espanhóis, que são as *muletas* do sr. Soto Maior, e, por dever de gratidão, o guarda-livros Calisto e o operário Faustino.

—Por dever de gratidão?...

—Sim, é que esses *tipos* prestaram-se ao ignóbil papel de fazer um «frete» à gerência indo ao Porto depor no Tribunal de Arbitros contra um colega nosso que ali instaurou um processo de indemnização contra a Sociedade. Foram, porém, infelizes na *jornada*, porque o reclamante pôs-lhes a «calva à mostra»; a Sociedade foi condenada e ainda por cima, gerentes e testemunhas chegaram a Coimbra cheios de fome! O João Mendes até veio dizer que aquilo era um tribunal bolchevista...

Um operário, que momentos antes se juntara ao grupo, declara:

—Eu também fui convidado para ser testemunha contra o sr. Darwin, mas quando a gerência se dispunha a ensinar-me o recado, eu declarei que só ia ao tribunal dizer a verdade. Está a ver que nunca mais me falam no assunto e em meu lugar foi o sr. Calisto.

—Mas as testemunhas já lhes deram a paga! — acrescenta outro. — Ao Faustino reduziram-lhe 100\$00 no ordenado e 70\$00 que tinha para renda de casa, sofreu *baixa de posto* e até já o fizeram andar a carregar lenha juntamente com as mulheres. Quanto ao Calisto teve já de pedir a demissão. A escrita está um verdadeiro caos e um guarda-livros que anda a fazer a sindicância diz que aquilo não tem ponta por onde se lhe pegue. Nem o próprio Calisto sabe dar explicações e tem sido chamado o sr. Reis para prestar esclarecimentos.

—E o sr. Calisto como se defende?

—Diz que tanto a gerência actual como a anterior lhe não forneciam elementos e por isso não podia pôr a escrita em dia.

—Ora digam-me: consta que a actual gerência fez grandes economias por ter despedidos alguns empregados que tinham grandes ordenados e admitido outros empregados mais baratos; é verdade?

—Vamos ver: (e depois dum rápido cálculo) olhe, os vencimentos dos empregados despedidos e mais os do sr. Reis somam cerca de 4 contos por mês. Os vencimentos do actual conselho de administração e os dos empregados novos somam perto de 7 contos, já vê a economia...

Puzemos ponto na conversa. Estávamos elucidados... e saturados!

No começo ouvimos o estendal formidável dos escândalos do regime, dos políticos e da finança... Na rua acabávamos de ouvir o tremendo súdio dos escândalos da Sociedade das Malhas! E tanta miséria moral, tanta!

Políticos, financeiros, comerciantes, industriais e trabalhadores — já trabalhadores! — sofrendo do mesmo mal endêmico que avassalava tudo e todos: os partidos, as classes, os indivíduos... E a crise, crise geral, tremenda crise de carácter, crise de dignidade, crise moral, de honestidade e de vergonha! Puff!!! — C.

Caminhos de Ferro do Estado

Pinto Teixeira armado em teso

Estão os ferroviários do Estado à mercê da basofia de um Pinto Teixeira, actual administrador, para ali arremessado pelo dr. Nuno Simões, então ministro do Comércio e que para demonstrar que é um grande administrador está cercando todas as regras que aos ferroviários do Estado têm custado uma soma de trabalho inaudito.

Assim acaba agora de fazer pagar os bilhetes de identidade que ao respectivo pessoal era dado em face de um decreto desde 1911 e agora cercado por um despoleta que, quando foi esbofetado por um sr. Venancio não teve obrio militar que devia manter virando-se para o mesmo a desafrontar-se da bordoad, que apanhou e tem a audácia de estar a chuchar com uma classe que lhe tem suportado todas as suas maldades, indo até ao displicente de fazer uma grande redução no vencimento do pessoal reformado, que para tal paga uma cota extremamente elevada e qualquer militar categorizado para que ali exerça qualquer cargo trata logo de se locupletar com a parte de leão atendendo aos seus «serviços prestados» durante o tempo de serviço militar.

Actualmente nos caminhos de ferro do Estado existe uma atmosfera de descontentamento sobre as arbitrariedades praticadas pelo sr. administrador geral, de parceria com outras entidades muito conhecidas como avançadas e liberais para o que continuamente dão sobejas provas de contrário.

E preciso urgentemente que alguém trate deste momento assunto a fim de evitar cousas muito degradáveis, porque os ferroviários não podem estar a sofrer as incompetências praticadas por um indivíduo que de inteligente nada tem e a provar está o que ele com a sua administração tem feito até à data: tirar aos que trabalham mais do que ele, porque só depois do meio dia ele entra no seu gabinete.

E certo que quando lá chega, já vem da Câmara Municipal onde tem chorido lugar. Isto é só destes *tubarões*, até quando?

Para que serve o governo? — Um ferroviário.

Rendimentos dos operários

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo e recolheu a casa, João Dias, de 22 anos, natural da Louzã, trabalhador na Fábrica Metalúrgica Portugal, no Regueirão dos Anjos, e residente na rua Maria da Fonte, 30, rez-do-choço, na mesma fábrica, foi colhido por uma pedra de esmeril, ficando ferido na mão direita.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e seguiu para casa, Manuel Ventura, de 23 anos, natural e residente em Cezimbra, marítimo que caiu ao saltar da muralha de Alcântara para bordo de uma fragata, ficando com várias contusões pelo corpo.

Vida Sindical

C. G. T. Comité Confederal

Reúne hoje, às 21 horas, para assunto importante.

C. S. T.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados para assunto de alta importância. Pede-se a comparecência de todos os delegados e da Comissão Pró-regresso dos Deportados.

COMUNICAÇÕES

Sindicato dos Operários Municipais. — Reúne a assembleia geral, para discussão do relatório da Comissão de inquérito, tendo-se apurado pela leitura do mesmo, que Carlos Costa fazia-se pagar pelo sindicato de trabalhos que eram, segundo dizia em benefício da classe, e que não realizava. Apurou-se também que o mesmo gastava em seu proveito dinheiros pertencentes ao sindicato, e ainda não satisfeito com isso gastou em seu proveito dinheiros que era destinado a solidariedade a Alfredo Pereira Vaz, deportado na Guiné. Apurou-se também que Luís Martins, ex-membro da comissão administrativa e tesoureiro da Comissão pró-se, gastou em seu proveito a quantia de 1.500\$00. Apurou-se ainda que por desleixo da comissão administrativa, com excepção de Serafim da Silva e Mariano Carvalho Garcia, que se portaram à altura dos seus lugares, os cobradores a quem tinham sido confiadas cobranças, também se houveram menos honestamente; entre outros citaremos Manuel Gaspar Ruas, que gastou em seu proveito a quantia de 400\$00.

A assembleia depois de grande discussão aprovou a seguinte moção:

«Considerando que, fiados na brandura dos nossos hábitos, alguns elementos a quem se tinha confiado dinheiros, se houveram menos honestamente, gastando-o em seu proveito;

Considerando também que temos de proceder energeticamente contra semelhantes criaturas para que de futuro não se deem casos semelhantes; a assembleia geral reúne em 4 p. p., resolve dar a sua confiança aos actuais corpos gerentes para que eles possam proceder judicialmente contra aqueles que, instados, se prove que de facto não querem pagar as quantias que desviaram.»

Aprovou também por grande maioria uma moção de Mariano Pereira, dando força aos corpos gerentes para que estes possam iniciar trabalhos no sentido de se criar o Sindicato do Pessoal da Câmara Municipal de Lisboa, para agrupar no seu seio todo o pessoal que presta serviço na Câmara incluindo também os funcionários. Aprecia ainda uma circular da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho pedindo a adesão como socio auxiliar do nosso Sindicato.

Devido ao adeamento da hora ficou a mesma para ser discutida na próxima assembleia geral.

Compositores Tipográficos. — Tomaram ontem posse os novos corpos gerentes, resolvendo que as suas reuniões se efectuem às quintas-feiras pelas 18 horas.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Secção Profissional dos Pintores.

Nomeou os seguintes corpos gerentes para 1926: 1.º secretário, Rozendo Felix dos Santos; 2.º, Eduardo Amaral; tesoureiro, Guilherme Horta; vogal, José Guerreiro. Comissão escolar: Felix António Fernandes e Inácio Marques. Delegados ao Sindicato: João Queiroz e Américo Prazeres. Conselho de secções: Luis Miguel e Alfredo de Sousa. Comité da Casa: José Guerreiro. Conselho técnico: Felix António Fernandes, Luis Miguel e Serafim Rodrigues Costa. Secretários da assembleia geral: Américo Prazeres e Alfredo de Sousa. Comissão revisora de contas: António Ferreira de Almeida, João Queiroz e Serafim Rodrigues Costa.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE: Federação Mobiliária. — A's 20,30 horas o conselho federal para continuação de trabalhos.

Compositores Tipográficos. — Pelas 18,30 horas a direcção para se resolver um assunto que transitou da direcção anterior **S. U. C. Civil.** — Secção Profissional dos Estudantes. — A assembleia geral pelas 20 horas para nomeação dos corpos gerentes de 1926.

S. U. Mobiliário. — Pelas 20 horas os corpos gerentes nomeados na última assembleia geral para tomarem posse.

S. U. Fogueiros de Mar e Terra. — Pelas 18 horas a assembleia geral para apresentação de contas e posse dos novos corpos gerentes.

S. U. Metalúrgico. — Secção do Povo do Bispo. — Pelas 20,30 horas, a comissão administrativa transacta e a eleita para 1926.

Operários Municipais. — Comissão de Melhoramentos. — Pelas 21 horas.

Oficiais da Marinha Mercante. — Assembleia geral, pelas 18 horas.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — O secretariado pelas 18,30 horas.

Liga dos Radiotelegrafistas da Marinha Mercante. — Pelas 20 horas, a assembleia geral, para leitura e apreciação do relatório e contas da direcção cessante, eleição dos novos corpos gerentes e apreciação de assuntos de interesse para a classe.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Trabalhadores Rurais de Elvas. — Em assembleia geral elegeu os seguintes corpos gerentes:

Comissão Administrativa: Filipe António, Mario Americo Fonseca, Manuel Lourenço Colónio, Manuel Vicente Pedras e João José da Silva Espalha.

Comissão Revisora de Contas: Custódio Lobo da Silveira, Felix António Gabriel e Maximiano Luis.

Conselho Fiscal: José Capitão e José Mendes.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secção do Alto da Pina. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, a comissão organizadora, sendo imprescindível a comparecência de todos os seus membros.

Conselho Federal. — Reúne na próxima terça-feira o conselho federal, pelas 20,30 horas, para tratar da situação do comité federal perante a Federação, da organização e realização do congresso juvenil e outros assuntos.

Em conformidade com a resolução do último congresso federal todos os componentes do comité federal deverão comparecer para definir a sua situação.